

PEDAGOGIA E PSICOLOGIA NO LIMIAR DA REPÚBLICA: UM ESTUDO A PARTIR DOS LIVROS “LIÇÕES DE PEDAGOGIA” E “NOÇÕES DE PSYCHOLOGIA”, DE MANOEL BOMFIM

Isabella Souza de Cristo¹

Profa. Dra. Maria Cristina Gomes Machado (Orientadora)²

Profa. Dra. Ligiane Aparecida da Silva (Coorientadora)³

RESUMO

Este artigo tem como objetivo investigar a relação estabelecida entre Psicologia e Pedagogia no início do século XX no Brasil a partir da obra do intelectual Manoel Bomfim (1868-1932). Por meio de pesquisa bibliográfica, foi realizada análise dos livros “Lições de Pedagogia: theoria e practica da educação” (1915) e “Noções de Psychologia” (1917), bem como da historiografia dedicada ao estudo da obra de Manoel Bomfim e do período em tela. No percurso da Primeira República, intelectuais e educadores mobilizaram-se na tentativa de atribuir cientificidade à Pedagogia e, assim, possibilitar à escola a racionalidade julgada necessária à formação do cidadão republicano. Estudos sobre o desenvolvimento psíquico da criança são desenvolvidos nesse período, em consonância com os padrões educacionais das nações industrializadas. Manoel Bomfim enquanto médico, professor da Escola Normal e estudioso da Psicologia ofereceu relevante contribuição para compreendermos essa relação, apresentada neste texto em três partes, que contemplam: 1) a relação entre Pedagogia e Psicologia no início do período republicano; 2) a trajetória acadêmica e profissional de Manoel Bomfim e 3) o exame dos livros “Lições de Pedagogia” e “Noções de Psychologia” como fontes para a compreensão do vínculo estabelecido entre essas duas áreas de conhecimento no percurso da Primeira República. Concluímos que a educação das crianças pequenas, na perspectiva de Manoel Bomfim, só poderia ser bem-sucedida se estruturada a partir de uma pedagogia moderna, estreitamente vinculada à Psicologia, relação concebida pelo autor como condição para o alcance do progresso do país via escolarização popular.

Palavras-chave: Primeira República. Manoel Bomfim. Lições de Pedagogia. Noções de Psychologia

¹ Acadêmica do Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Estadual em Maringá (UEM).

² Professora Titular do Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá (UEM) e do Programa de Pós-Graduação em Educação da mesma instituição.

³ Professora Adjunta do Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso do sul, campus de Três Lagoas.

**PEDAGOGY AND PSYCHOLOGY ON THE FRONT OF THE REPUBLIC:
A STUDY FROM THE BOOKS “PEDAGOGY LESSONS” AND “NOTIONS OF
PSYCHOLOGY”, FROM MANOEL BOMFIM**

ABSTRACT

This article aims to investigate the relation established between Psychology and Pedagogy in the beginning of the 20th century in Brazil from the work of the intellectual Manoel Bomfim (1868-1932). By using bibliographic research, an analysis was made from the books “Pedagogy Lessons: theory and practice of education” (1915) and “Notions of Psychology” (1917), as well as from the historiography dedicated to the study of the work of Manoel Bomfim and the time on screen. During the First Republic, intellectuals and educators mobilized in the attempt to attribute scientificity to Pedagogy and therefore, enable the school the rationality deemed necessary for the formation of the republican citizen. Studies about the psychic development of children are build up in this period, accordingly to the industrialized nations educational standards. Manoel Bomfim as a medic, professor of the Normal School and studios of Psychology, offered relevant contributions so we could comprehend this relations, shown in this text in three parts, that are: 1) the relation between Pedagogy and Psychology in the beginning of the republican period; 2) the academic and professional trajectory of Manoel Bomfim and 3) the analysis of the books “Pedagogy Lessons” and “Notions of Psychology” as sources to comprehend the link stablished between these two areas of knowledge during the First Republic. We can conclude that the education of small childs, in Manoel Bomfim’s perspective, could only be well-succeeded if structured from a modern Pedagogy, strictly linked to Psychology, relation conceived by the author as a condition to reach the progress of the nation through popular schooling.

Key words: First Republic. Manoel Bomfim. Pedagogy Lessons. Notions of Psychology

INTRODUÇÃO

Este texto tem como objetivo investigar a relação estabelecida entre psicologia e pedagogia no início do período republicano no Brasil a partir da obra do intelectual Manoel Bomfim (1868-1932), em especial dos livros “Lições de Pedagogia”, publicado em 1915, e “Noções de Psychologia”, tornado público no ano de 1917⁴. Ambos os livros são resultado de aulas ministradas pelo autor na Escola Normal do Rio de Janeiro, nas cadeiras de Pedagogia e Psicologia Aplicada. Manoel Bomfim compilou os registros dessas aulas, organizando-os em formato de livro.

A Primeira República, período de produção das fontes em estudo, foi marcada por diversas transformações decorrentes da mudança de regime político. Intelectuais, educadores e parlamentares, diante de um cenário de transição, passam a discutir a necessidade de construção da identidade nacional, e o debate sobre a formação do cidadão assume relevância.

Coube, então, à escola o papel de formadora desse cidadão, de instituição cujo fim seria amoldar os indivíduos conforme as demandas da sociedade, vinculando-os ao mundo do trabalho e preparando-o para as mudanças em curso. No entanto, o analfabetismo massivo representava um entrave para os projetos de modernização formulados pela intelectualidade do período.

A Constituição Federal de 1891, em seu artigo 70, parágrafo primeiro, determinou que analfabetos estavam impedidos de alistar-se para eleições federais ou estaduais, ou seja, o voto ficara restrito a uma parcela ínfima da população. A escola primária pública, por sua vez, ainda não abarcava as grandes levas de crianças a serem instruídas, e a ausência de obrigatoriedade acabava por delegar às famílias a decisão de escolarizar ou não os filhos.

Nesse contexto, a função social da escola primária é repensada, assim como seus métodos, materiais e recursos didáticos, formação de professores,

⁴ Para a realização desta pesquisa foram utilizadas a terceira edição de Lições de Pedagogia, publicada em 1926, e a quarta edição de Noções de Psychologia, de 1928, ambas comercializadas pela Livraria Francisco Alves, do Rio de Janeiro. Vale ressaltar que esses livros são dificilmente encontrados nas bibliotecas brasileiras, e que as versões aqui utilizadas foram disponibilizadas pela Academia Brasileira de Letras para pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá, na ocasião de produção de sua tese de doutoramento sobre a educação na obra do intelectual Manoel Bomfim. Essa ausência talvez justifique a pouca quantidade de pesquisas na atualidade que contemplem os referidos livros como fonte ou objeto de estudo.

infraestrutura. (CARVALHO, 1989). Os debates intelectuais sinalizavam para a necessidade de universalizar o acesso, estabelecendo a obrigatoriedade, por meio da oferta de um ensino gratuito, racionalizado, pautado em princípios científicos que assegurassem, com a máxima precisão possível, a aprendizagem dos conteúdos curriculares pelos alunos. Como pontua Antunes (2004), é quando a Pedagogia se aproxima da psicologia na busca de aporte científico à compreensão do processo de aprendizagem do indivíduo para, assim, planejar intervenções pedagógicas eficazes.

Diante do exposto, desenvolvemos este trabalho com a intenção de explicitar a contribuição do intelectual Manoel Bomfim (1868-1932) para os estudos acerca da relação entre psicologia e pedagogia no alvorecer da República. Enquanto professor da Escola Normal e pesquisador na área da psicologia, Bomfim desenvolveu estudo aprofundado sobre a aprendizagem infantil, defendendo a necessidade de tornar científica a investigação sobre a escolarização de crianças. Além disso, sua formação em medicina possibilitou reflexões pertinentes sobre o cérebro humano e suas possibilidades, o que se evidencia nos dois livros.

Bomfim é considerado pela historiografia brasileira com um autor rebelde e praticamente esquecido (AGUIAR, 2000). Portanto, o estudo de sua obra, sobretudo do que produziu sobre educação é relevante porque traz à cena a obra pouco conhecida de um pensador original (ALVES FILHO, 2013) que lutou com energia pela construção de uma escola pública, obrigatória, gratuita e para todos, segundo os princípios democráticos já vigentes no país.

O estudo foi desenvolvido a partir de pesquisa bibliográfica, de caráter qualitativo. Esse tipo de pesquisa pauta-se nas fundamentações teóricas registradas em artigos científicos, livros, teses e dissertações, entre outros. (SEVERINO, 2016). Na perspectiva de Oliveira (2016, p. 37), o estudo qualitativo constitui “[...] um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou segundo sua estruturação”. Assim, além de parte da obra de Manoel Bomfim, investigamos produções biográficas e a historiografia dedicada ao exame do período histórico em questão.

Para tanto, o trabalho foi estruturado em três partes, que contemplam: 1) o papel assumido pela psicologia no meio educacional durante da Primeira República; 2) a trajetória acadêmica e profissional do intelectual Manoel Bomfim e 3) as

contribuições de Manoel Bomfim para o estudo da relação entre psicologia e pedagogia no início do período republicano.

A psicologia e a educação no início do século XX

O período que compreende o final do século XIX e início do século XX no Brasil foi marcado por diversas transformações nos âmbitos econômico, social, político e cultural, desencadeados com o processo de proclamação da República. (SILVA; FAÇANHA, 2012, p. 452).

Esse período, caracterizado pela expressiva desigualdade social, teve no analfabetismo massivo um obstáculo para a prática da cidadania, visto que somente à população alfabetizada estava garantido o direito ao voto, como já mencionado. As classes desfavorecidas economicamente, portanto, não exerciam participação ativa na sociedade, como preveem os regimes democráticos.

Além disso, como expõem Skidmore (1976), Priori e Candeloro (2009) e Boarini (2003), teorias raciais cumpriam o papel de justificar o 'atraso' do país em relação às nações industrializadas. O pensamento dominante da época o atribuía à questão racial, especialmente à miscigenação, considerada danosa, na medida em que possibilitava a geração de indivíduos inferiores física, intelectual e moralmente.

O cenário brasileiro do período, marcado pela presença de indígenas, negros libertos e imigrantes de diferentes nações suscitou preocupações com a construção de uma identidade nacional capaz de criar nos sujeitos que aqui viviam um sentimento de pertença à nação e, conseqüentemente, a disposição para trabalhar e defender o país. Ao mesmo tempo, assevera Nagle (1974), o processo de expansão dos centros urbanos fomentava a necessidade de mão-de-obra especializada para a indústria e o comércio nascentes.

À escola foi atribuído o papel de formadora do cidadão necessário àquele contexto, inculcando nas novas gerações valores morais e desenvolvendo habilidades úteis ao mundo de trabalho reconfigurado com a mudança de regime político. Em vista disso, a educação passou a ser analisada como um direito público, condição para a sobrevivência dos indivíduos e para o progresso nacional.

A luta pela modernização no campo educacional para a promoção de avanços à nação teve na psicologia o apoio científico considerado essencial para o tipo de instrução escolar que se pretendia. A criança passou a ser focalizada e

[...] a infância tornou-se metáfora da nação a ser examinada e tratada de acordo com métodos científicos. Instrução, educação sanitária, educação física, hábitos higiênicos na rua, em casa, na escola e no trabalho, serviços de saúde pública etc., tudo isso conjugado ao objetivo de sanar corpo e mente. (GONTIJO, 2010, p. 24).

Como se pode verificar, medicina e educação foram contribuintes para o processo de instrução a que a nação se inclinava. Para Gontijo (2010, p. 23) “[...] a ciência e a instrução eram vistas como os melhores instrumentos para a solução de problemas sociais, sendo que o ponto de partida para um futuro moderno [...] era a criança.” Médicos e educadores trabalhavam em prol da formação do indivíduo e o higienismo ganhava força e importância pelo trato que se propunha a realizar na saúde e moralidade dos sujeitos.

As práticas laboratoriais entraram em vigor, tornando-se um instrumento de aferição da inteligência, de avaliação, de mensuração e de segmentação da criança, com vistas à sua formação moral, intelectual e física a partir de análises e testes de inteligência. De acordo com Antunes (2004, p. 73), “[...] os elementos que deveriam facilitar a aproximação entre médicos e educadores para estudo de proveito comum viriam, inegavelmente, dessa difusão de princípios da Higiene Mental e a prática de instrumentos simplificados de diagnósticos, como os testes mentais”.

Intelectuais como Manoel Bomfim, Silvio Romero (1851-1914), Olavo Bilac (1865-1918) e outros buscavam e produziam conhecimento em busca da resolução para o suposto atraso do país. Além da formação do cidadão, “[...] objetivavam promover verdadeira regeneração da nação e de seu povo”. (GONTIJO, 2010, p. 32). Iniciavam-se novas pesquisas elaboradas por psicólogos estrangeiros, introduzindo no Brasil uma era formada por ideias respaldadas na psicologia europeia e estadunidense. Cabe ressaltar, no entanto, que a regeneração da sociedade, na perspectiva de Bomfim (1993)⁵, estava relacionada aos devidos

⁵ Referimo-nos ao livro “A América Latina: males de origem”, publicado originalmente no ano de 1905 e referenciado ao final deste trabalho.

investimentos do Estado em educação e não na ideia de branqueamento, defendida com veemência por intelectuais influentes do período, como Silvio Romero, por exemplo.

Aos poucos, a psicologia vai se tornando mais autônoma em relação às ciências médicas. (FREITAS; KUHLMANN JÚNIOR, 2002). Vinculada à educação, ofereceu grande contribuição por meio de teorias, práticas e técnicas que visavam o conhecimento do indivíduo. O aspecto problemático desta fusão, entretanto, foi a classificação dos alunos a partir de resultados numéricos oriundos dos testes de inteligência e a atribuição do sucesso ou do fracasso escolar ao próprio indivíduo, ou seja, o discurso da meritocracia a justificar as desigualdades sociais e a desresponsabilizar o Estado de sua obrigação para com a oferta de serviços públicos de base.

Como destaca Seber (1995), após a autonomia da psicologia em relação à filosofia e o início dos trabalhos nos laboratórios, os métodos e testes psicológicos serviram para contribuir com a área da educação no momento em que se passou a buscar o caráter de cientificidade no ensino.

As práticas de ensino consideradas modernas e defendidas por grande parte de educadores desde os fins do século XIX no Brasil, respaldadas no ensino intuitivo (VALDEMARIN, 2003), possibilitavam o uso de materiais prontos pelo professor, dispensando-se a necessidade de análise ou reflexão. Denominadas por Carvalho (2006) como “caixa de utensílios”, sofreram transformações ao longo do tempo e foram substituídas pelos manuais de pedagogia, conhecidos como “Tratados de Pedagogia”, a principal ferramenta de trabalho dos professores a partir de então. Esses manuais se distinguiam das práticas anteriormente utilizadas por atribuírem caráter de cientificidade à educação, pautando-se nos saberes de conhecimento científico ou filosófico.

Esse movimento de renovação pedagógica que, posteriormente, culminaria com a formulação do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, no ano de 1932, delegava à escola a formação dessa ‘nova’ criança, tida como centro das atenções no processo de ensino-aprendizagem, uma vez que representava o futuro da nação. Caberia à educação, sob o respaldo da psicologia, o trabalho de estudo e análise da individualidade infantil, na procura por respostas para questões sobre o processo de aprendizagem e sobre o fracasso escolar.

Manoel Bomfim: vida, obra e contribuições ao campo educacional

Entre os estudiosos que caminharam na contraposição dos discursos dominantes em voga na Primeira República, lutando a favor da instrução pública, obrigatória e gratuita, destaca-se Manoel José do Bomfim, nascido no ano de 1868 na cidade de Aracaju, estado de Sergipe.

Considerado um autor esquecido e pouco discutido na atualidade (AGUIAR, 2000), o estudo de sua obra implica uma retomada histórica do contexto educacional brasileiro. Tido como um dos maiores pensadores sociais da época (AGUIAR, 2000; ALVES FILHO, 2013), contribuiu com diversas áreas do conhecimento, como sociologia, história, psicologia e pedagogia. Embora tenha dedicado 35 anos de sua vida à causa educacional, conforme os estudos de Silva (2017), são poucos os estudos realizados por pesquisadores contemporâneos que contemplam a sua trajetória como educador e suas produções na área da psicologia e da pedagogia.

Por meio do trabalho de tese de doutorado de Ronaldo Conde Aguiar (2000), posteriormente tornando livro sob o título *O rebelde esquecido: Tempo, Vida e Obra de Manoel Bomfim*, temos a possibilidade de conhecer a biografia e obra bomfiniana, visto que o autor pesquisou minuciosamente coleções de revistas e jornais nos lugares vividos por Bomfim – Aracaju, Mococa e Rio de Janeiro⁶.

Bomfim foi filho de Paulino José do Bomfim, ex-vaqueiro e dono de engenho, e de Maria Joaquina do Bomfim, filha de comerciantes da região. Realizou seus estudos primários e secundários em sua cidade natal e, em 1886, iniciou seus estudos na Faculdade de Medicina da Bahia, mudando-se, em seguida, para a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1888, onde concluiu o curso em 1890.

A transição para o Rio de Janeiro, na perspectiva de Silva (2017), é essencial para a compreensão do modo como se posicionou ante a realidade de seu tempo. Segundo Schwarcz (1993), havia uma disputa intelectual entre as faculdades da Bahia e do Rio de Janeiro, e diferentes projetos de nação em litígio. Se os intelectuais cariocas se engajavam com a adoção de medidas de saneamento

⁶ Para evitar menções excessivas a um mesmo autor neste tópico, informamos que os dados biográficos sobre Manoel Bomfim foram acessados no referido livro, cuja referência completa consta ao final deste trabalho, e que os demais autores que contribuíram para a produção de nossa biografia serão devidamente citados.

básico, educação, profilaxia e cura de doenças, os baianos dedicavam-se aos estudos vinculados à higiene pública, eugenismo e medicina legal. A obra de Manoel Bomfim evidencia um vínculo muito mais próximo com os propósitos dos intelectuais da capital.

Um ano após sua formação, trabalhou na Secretaria de Polícia do Distrito Federal como tenente-cirurgião. Casou-se com Natividade Aurora de Oliveira em 1874 e, ao defender a República e se opor às tendências militaristas – principalmente ao Presidente Floriano Peixoto –, mudou-se para Mococa (SP), em 1893, onde atuou em sua área de formação. Tiveram dois filhos, Aníbal e Maria, que veio a falecer em 1894, com um ano e dez meses de idade, vítima de uma epidemia de tifo, o que ocasionou a desilusão de Bomfim em relação à medicina, levando-o desistir da carreira médica e a definir-se como educador.

Em 1896, ao voltar para o Rio de Janeiro, dedicou-se aos estudos na área da psicologia e da pedagogia e produziu textos para revistas e jornais. A medicina ainda se fazia presente na vida do intelectual, na medida em que utilizava muitos conceitos adquiridos nela para se referir à educação, aspecto que o diferenciava e muitas vezes o afastava dos estudiosos de sua época.

Bomfim foi requisitado pelo prefeito Francisco Furquim Werneck de Almeida para ocupar o cargo de vice-diretor do *Pedagogium*, o museu pedagógico que funcionava na cidade do Rio de Janeiro como órgão propulsor de reformas e debates sobre educação e formação de professores. Posteriormente, assumiu o cargo como Diretor Geral, função que exerceu durante 19 anos.

Em 1901, deu sequência aos estudos concernentes à psicologia e pedagogia na Universidade de Sorbonne, em Paris, cidade de onde redigiu o seu mais conhecido livro – *A América Latina: males de origem* – uma resposta argumentativa às afirmações que julgava tendenciosas sobre as nações latino-americanas, apresentadas como naturalmente inferiores e, portanto, passíveis de serem subjugadas.

Manoel Bomfim, enquanto educador, confrontou-se com uma difícil realidade, buscando, então, criar experiências e conhecimentos na busca de soluções para o ensino público brasileiro. Participou ativamente da política por um breve período como Deputado Federal pelo estado de Sergipe, exercendo a função entre os anos de 1907 e 1908. Na ocasião, defendeu o desenvolvimento e a difusão da instrução

pública primária nos debates parlamentares em torno do projeto que ficou conhecido como Tavares Lyra (SILVA, 2017), arquivado após o período de discussões. Adiante, seguiu com o trabalho no magistério e na gestão de instituições educacionais públicas, além do investimento nas produções teóricas que tornaram possível a construção de uma vasta obra de cunho histórico, sociológico, psicológico e pedagógico.

Dentre as suas obras, destacam-se: *A América Latina: males de origem* (1905), *O Brasil na América, caracterização da formação brasileira* (1929); *O Brasil na história, deturpação das tradições, degradação política* (1930); *O Brasil nação, realidade da soberania brasileira* (1931), *Cultura e educação do povo brasileiro* (1932); *Noções de Psychologia* (1916), *Pensar e dizer: estudos do símbolo e do pensamento na linguagem* (1923) e *Métodos do teste: com aplicações à linguagem do ensino primário* (1928). Realizou, ainda, a produção de livros didáticos e paradidáticos para o curso primário, tais como: *Livro de composição para o curso complementar das escolas primárias* (1901), *Através do Brasil*, livro de leitura para o curso médio das escolas primárias (1910), redigido com a colaboração de Olavo Bilac e *Primeiras Saudades* (1920), livro de leitura para o primeiro ano do curso médio das escolas primárias.

Em relação às produções referentes à psicologia e pedagogia, é possível identificar o aumento de escritos literários do referido estudioso no momento de entrada no *Pedagogium* como vice-diretor e, posteriormente, como Diretor-Geral, frente a realidade sofrível da educação. De acordo com Antunes (2004), Manoel Bomfim construía no *Pedagogium* um laboratório de Psicologia Experimental (1903), envolto por uma aparelhagem moderna, mediante instrumentos originados em Paris por Alfred Binet. “No *Pedagogium*, Manoel Bomfim conseguiu interessar um grupo de professores municipais” (ANTUNES, 2004, p. 26), além de contar com a participação do médico e psiquiatra Plínio Olinto (1886-1954) para lecionar diversos cursos até 1930 na área de Psicologia Experimental, na Escola Normal.

Manoel Bomfim faleceu no ano de 1932 e deixou suas últimas reflexões registradas no livro póstumo *Cultura e educação do povo brasileiro: pela difusão da instrução primária*, no qual reúne textos de indiscutível relevância para se conhecer o processo de construção da escola pública brasileira.

Contribuições de Manoel Bomfim para o estudo da relação entre psicologia e pedagogia no limiar da república

O livro de estudo intitulado “Lições de Pedagogia: theoria e practica da educação” teve sua primeira publicação no ano de 1915, e contempla anotações sobre as aulas de Manoel Bomfim na Escola Normal do Rio de Janeiro. Além disso, contém parte voltada para a área da psicologia, motivo pelo qual o autor optou por dividir o conteúdo em duas partes, o que resultou no livro “Noções de Psychologia”, publicado em 1917, que apresenta reflexões afetas às funções psíquicas da criança.

[...] attendendo principalmente ás exigencias racionaes do methodo, compendiei separadamente as Noções de Psychologia e as Lições de Pedagogia. São resumos. Na exposição didactica, em classe, a elucidação de cada um dos capítulos pedia desenvolvimento muito maior do que o que se póde dar nas paginas de um compendio; a forma deixava de ter esse tom synthetico, que os resumos exigem; mas a materia, o methodo, a marcha do desenvolvimento, eram rigorosamente as mesmas que aqui se encontram. Omitti somente algumas apreciações, a que era levado pela necessidade de explicar o que póde haver de desconexo no programma, mais sensivel agora depois que se fundiu a Psychologia na Pedagogia. (BOMFIM, 1926, p. 6)⁷.

“Lições de Pedagogia”, após a divisão justificada pelo autor, contém 440 páginas, iniciadas pelo prefácio, seguido da introdução e de 24 capítulos, mais a conclusão. O índice é apresentado ao final. Os capítulos contemplam temas como: objeto e definição da pedagogia, formação da personalidade e educação, o processo educativo, cultura física e hábitos higiênicos, cultura ginástica, métodos e processos gerais em pedagogia, função da escola primária, pedagogia do conhecimento, atividade mental, pedagogia da linguagem, metodologia da matemática, da geografia, da história, das ciências físicas e naturais, das lições de coisas, dos trabalhos práticos, dos trabalhos manuais, moralidade, vida afetiva, cultura dos sentimentos desinteressados, educação da vontade e constituição do caráter, apuro do caráter e organização do proceder, dor e prazer na educação.

“Noções de Psychologia”, por sua vez, conta com 377 páginas também iniciadas com um prefácio seguido de mais 25 capítulos, dos quais o último é a

⁷ Optamos por manter, nas citações diretas dos dois livros de Manoel Bomfim em estudo, a gramática original do período em que foram escritos.

conclusão. Há, ainda, dois apêndices, que tratam da caracterização dos *anormaes escolares*⁸ (p. 355-362) e de uma *analyse da fadiga e estafa* e seus efeitos para a aprendizagem (p. 363-372). O índice também é apresentado ao final. Os temas privilegiados são: condições gerais da vida psíquica, objeto da psicologia, sistema nervoso, consciência e atenção, atividade sensorial, estudo analítico das funções sensoriais, aspectos gerais na consciência das sensações, conhecimento concreto, tempo e espaço e processo de conhecer, organização da experiência mental, ideação, vontade, volição, atividade consciente, formação da personalidade, imitação, invenção e correção, caráter, personalidade e tradição social.

O vínculo entre os dois livros é, portanto, intrínseco, recomendando-se a leitura sequencial, por se tratar de discussão complementar. A preocupação de Bomfim em registrar o conteúdo de suas aulas, categorizá-lo e dividi-lo de forma didática de modo a facilitar a compreensão dos leitores atesta a sua identificação com o magistério, em especial com a formação docente, e seu amplo conhecimento nos assuntos relacionados à educação e ao processo de ensino e aprendizagem.

Não será nosso intuito, neste texto, descrever minuciosamente os capítulos dos livros e abordar todos os assuntos que abarcam. Um trabalho dessa natureza, em nosso entendimento, não poderia ser sintetizado nos limites de um artigo. Apresentaremos, portanto, os motivos pelos quais Manoel Bomfim acreditava ser imprescindível formar professores a partir das contribuições da psicologia para o campo educacional. Assim, esperamos cumprir o propósito da pesquisa, qual seja, evidenciar a contribuição do autor para esse debate tão presente nas falas e propostas dos intelectuais e educadores das primeiras décadas republicanas.

Já na introdução de “Lições de Pedagogia”, o autor busca conceituar essa área de conhecimento e seu objeto de estudo, esclarecendo ao público leitor que não havia, até aquele momento, uma ciência da educação.

A Pedagogia é, de facto, uma systematisação theorica, um corpo de doutrinas, em plena evolução, e não uma sciencia propriamente dita, pois que seu objeto é nimamente pratico – a educação.

A Pedagogia é, pois a systematisação dos principios scientificos, na discussão dos methodos racionaes de intervenção educativa. Ora, a sciencia é uma systematização que tem por objetivo, simplesmente, a organização do conhecimento e a aquisição da verdade; é sempre

⁸ Termo utilizado no período para definir pessoas com deficiência.

theorica, inteiramente indiferente ás applicações praticas; ao passo que a Pedagogia é uma discussão – theorica, pelos princípios em que se baseia, mas essencialmente pratica pelos fins a que se destina. Quando se diz que a Pedagogia é a theoria da Educação, não se lhe tira o intuito caracterizadamente pratico. (BOMFIM, 1926, p. 9-10).

O trânsito da pedagogia entre a teoria e a prática dificultava, na perspectiva de Bomfim, a sua categorização como ciência da educação. A psicologia, por sua vez, é concebida por ele como a ciência da personalidade, conforme exposto no excerto a seguir:

A atividade psychica tem por fim adaptação ou accommodation das exigências internas ás condições externas; todos os factos que a ella se relacionam tendem para esse resultado: conquista do meio ou das condições de realização da vida. Os actos psychicos se fazem sob a forma de processos, rigorosamente encadeiados, como antecedentes e consequentes; ao mesmo tempo, são actos miniamente reformaveis, como vimos, e constantemente reformados, pois que correspondem ás necessidades de acomodação do equilíbrio interno ás variações externas. Finalmente, são esses actos que formam a vida consciente, isto é, são eles que nos revelam a propria existencia. De sorte que a synthese das atividades psychicas, coerentes como são ellas, representa-se subjectivamente como uma unidade perfeita – que é a consciencia do proprio eu, a afirmação da personalidade ou da “individualidade consciente”. Então, podemos definir: “A Psychologia é a sciencia da personalidade. (BOMFIM, 1928, p. 14).

Se a educação é uma “[...] obra complexa, longa, exigente e ardua, deve ser feita muito racionalmente, sob um regimen rigorosamente scientifico”. (BOMFIM, 1926, p. 10). Nesse sentido, a ciência da personalidade poderia oferecer o contributo necessário ao desafio de educar sistematicamente via escola.

Nas palavras de Bomfim (1926, p. 12), “A ideia central, ou dominante, no conjuncto do conceito é a de adaptação ou preparo. E vem dahi o valor que tem a educação, e a importância que se dá á Pedagogia”. Para o ser humano, o estabelecimento de relações e conexões com o mundo, a partir de estímulos do meio, é de vital importância. Daí a centralidade da educação como “[...] a forma de transmissão psychica dos processos e das capacidades adaptativas.” (BOMFIM, 1926, p. 13), sejam elas externas (meio social) ou internas (vida psíquica).

Aos educadores, buscava evidenciar o valor de conhecerem a criança em seus diferentes aspectos, alegando que “[...] o conhecimento da natureza da criança

e da natureza do meio, onde ella vai viver, que deve constituir a base no preparo do educador, a fim de que, pela sua acção, se assegure o exito da obra educativa, cujo fim é a adaptação.” (BOMFIM, 1926, p. 14). Os métodos e processos de ensino, nessa perspectiva, deveriam ser repensados e reorganizados a partir dessa lógica.

Em vista disso, antes de se estudar os processos de ensino-aprendizagem seria preciso compreender o psiquismo infantil, visto que “[...] o estudo systematico da Pedagogia deve ser precedido do estudo tambem systematico e scientifico da vida psychica ou das actividades conscientes”. (BOMFIM, 1926, p. 14).

Quanto à personalidade, vale destacar que, para Bomfim (1928), o meio exerce grande influência no processo de sua formação, e por isso a relevância de processos educativos de carácter científico na escola, haja vista que

[...] a personalidade não é mais que a synthese das nossas reacções em relação com o meio, porque o que nós chamamos vida psychica é, apenas, o aspecto especial e subjectivo que apresentam os nossos actos e esforços de adaptação actual, ao mundo onde vivemos [...]. (BOMFIM, 1928, p. 20).

O cérebro, para o autor, é tido como o órgão essencial nesse processo por realizar todas conexões necessárias ao indivíduo no momento em que as funções nervosas, mediante atividades externas, recebem estímulos capazes de suscitar a elaboração de novas sínteses. Nas palavras do autor, “[...] Physiologicamente - pela existencia do aparelho cerebral, psychologicamente - pelo instincto de imitação, o homem é um organismo essencialmente educável”. (BOMFIM, 1926, p. 20).

A educação, enquanto atividade eminentemente humana, poderia ocorrer espontaneamente no seio da família e em outros espaços sociais, mas a educação sistematizada só teria bom êxito se pautada em princípios científicos que garantissem ao professor o conhecimento do sujeito cognoscente. Ora, se educação é a adaptação do indivíduo ao meio, condição para a sobrevivência humana, e se consiste em um processo psíquico desencadeado por estímulos externos, há que se conhecer esse psiquismo ao elaborar qualquer proposta de intervenção pedagógica.

Silva (2017, p. 74-75), ao investigar o trabalho desenvolvido por Manoel Bomfim sobre ensino e aprendizagem, destacou que, para o autor,

[...] a consciência humana se forma no meio social. A sociedade, segundo ele, é imprescindível à vida humana por três motivos: o ser humano depende da educação para receber as tradições sociais que

lhes permitem sobreviver em seu grupo, já que não possui instintos naturais que o habilitam a este fim; a adaptação humana acontece tanto no meio físico quanto no meio social, sendo que o segundo exige maior grau de consciência por parte dos indivíduos e, por fim, pelo fato de a própria adaptação ao meio físico implicar em cooperação social entre os envolvidos, cooperação esta que garantiu a primazia da espécie humana sobre a natureza.

Isto posto, é válido destacar a distinção que faz o autor entre seres humanos e demais espécies animais. Enquanto seres racionais que não agem meramente por instinto, mas que são capazes de planejar e promover uma ação, os humanos realizam atividades que requerem esforços individuais e coletivos, que promovem o desenvolvimento de atividades psíquicas, possibilitadas pela educabilidade que nos é inerente e que consiste nesse percurso de adaptação do indivíduo às adversidades que o meio propicia.

A infância, a partir dessa ótica, é concebida como ponto de partida para a formação da personalidade. A educação, desde a mais tenra idade, teria para o autor caráter adaptativo e modificador, pois por meio das circunstâncias da vida é que o indivíduo será capaz de construir sua personalidade e definir seu caráter, por isso a defesa de que “[...] a educação se torna o mais poderoso factor do progresso geral.” (BOMFIM, 1926, p. 29).

O vínculo entre psicologia e educação, como se pode observar, é premente em todos os registros de Bomfim em ambos os livros. Claparède (1956), em “Psicologia da Criança e Pedagogia Experimental”, afirmou que, assim como a horticultura exige o conhecimento das plantas, a pedagogia deveria pautar-se no conhecimento da criança em todos os seus aspectos. Daí a necessidade de se repensar a formação de professores nas Escolas Normais, instituição que deveria assumir o compromisso de preparar cientificamente os futuros professores para o exercício eficiente do magistério.

Manoel Bomfim, na tentativa de concretizar o seu projeto modernizador para a sociedade brasileira via escolarização popular, buscou na psicologia elementos científicos que instrumentalizassem os professores a uma prática pedagógica racional, sistematizada e condizente com as mudanças em curso, que exigiam a formação de cidadãos ativos e disciplinados física e moralmente. Atribuir cientificidade à pedagogia seria um meio de atacar com eficácia o analfabetismo, grande entrave para qualquer projeto de nação efetivamente democrática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como finalidade analisar a relação estabelecida entre a psicologia e a pedagogia no início do século XX, no Brasil, a partir da obra do intelectual Manoel Bomfim.

Por meio de pesquisa bibliográfica, de caráter qualitativo, foram realizadas as análises de dois livros de autoria do autor, a saber: *Noções de Psychologia* (1928) e *Lições de Pedagogia: theoria e practica da educação* (1926), além do estudo das produções de pesquisadores da obra de Manoel Bomfim e da história da educação do período investigado.

Os caminhos traçados para o alcance dos objetivos foram a explanação sobre a função de aporte científico à educação assumido pela psicologia, o estudo da vida e obra do intelectual Manoel Bomfim e, por fim, a apresentação das contribuições de Manoel Bomfim para o estudo da relação entre psicologia e pedagogia no início do período republicano.

Concluiu-se que a psicologia, no início da República, atribuiu cientificidade à pedagogia e contribuiu para se pensar a formação do cidadão republicano, principalmente no que tange ao desenvolvimento psíquico da criança. Para Bomfim, a educação possibilita a adaptação da criança ao meio e, portanto, é um direito a ser assegurado a todos os indivíduos, sem qualquer distinção. Desde o nascimento, a criança já se vê estimulada e desafiada pelo meio social, primeiramente pela família e amigos e, depois, pela própria escola e comunidade.

A modernização da sociedade só se efetivaria, segundo o autor, mediante investimentos oficiais em instrução primária, pública e gratuita. No entanto, o modelo de ensino em voga deveria ser repensado e reestruturado para que se garantisse a formação adequada do 'novo' cidadão, possibilitando o almejado progresso. A concretização desse objetivo, por sua vez, dependia do estabelecimento de um vínculo estreito entre pedagogia e psicologia, no intuito de garantir à educação a cientificidade necessária, característica das nações modernas, e a aprendizagem efetiva das crianças consideradas aptas aos desafios próprios do universo escolar.

O educador, ao conhecer o desenvolvimento psíquico da criança, estaria apto a contribuir para sua adaptação e devida formação, de acordo com as demandas de uma nação legalmente democrática, mas cuja cultura e práticas ainda se vinculavam a uma estrutura agrária e pouco permeável ao diálogo e participação popular.

A psicologia passa, então, a ser vista como essencial à formação de professores, pois é a partir dela que se torna possível o conhecimento aprofundado do psiquismo infantil, capaz de conceder ao professor condições de criar um ambiente com maiores possibilidades para o desenvolvimento da criança, a partir de uma pedagogia desafiadora e de respeito à individualidade, no intuito de suscitar a aprendizagem.

No entanto, o vínculo estreito estabelecido entre pedagogia e psicologia, com vistas a garantir à educação a cientificidade necessária, característica das nações modernas, também foi causa de excessos prejudiciais às crianças, sobretudo àquelas oriundas de famílias economicamente desfavorecidas. A aferição da aprendizagem, na história da escola brasileira, funcionou por muito tempo como instrumento classificatório que mais discriminou que incluiu. Sob o pretexto da meritocracia, alegava-se que todos teriam tido acesso à escola, mas somente alguns condições de nela permanecer, negando-se, assim, os múltiplos aspectos imbricados no processo de ensino-aprendizagem.

Manoel Bomfim foi um defensor da psicologia experimental, mas um crítico do uso que comumente se fazia dela. Alegava que os resultados dos testes não deveriam ser laudatórios e sim, interpretativos, e que o objetivo de se conhecer o psiquismo infantil seria ampliar as possibilidades de intervenção pedagógica, em lugar de marginalizar os estudantes com maiores dificuldades.

Seus estudos são elucidativos para o debate sobre essa importante aliança entre duas áreas de conhecimento que, no contexto da Primeira República, assumiram o papel de construir um novo Brasil por meio de investimentos e mudanças na escola pública primária, em todos os seus âmbitos.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Ronaldo Conde. **O rebelde esquecido**: tempo, vida e obra de Manoel Bomfim. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000.

ALVES FILHO, Aluizio. **Manoel Bomfim**: combate ao racismo, educação popular e democracia racial. São Paulo: Expressão popular, 2008.

ANTUNES, Mitsuko Aparecida Makino (org.). **História da psicologia no Brasil**: primeiros ensaios. Rio de Janeiro: EdUERJ: Conselho Federal de Psicologia, 2004.

BOARINI, Maria Lúcia. Higienismo, eugenia e a naturalização do social. In: BOARINI, Maria Lúcia. (org.). **Higiene e raça como projetos**: higienismo e eugenismo no Brasil. Maringá: EDUEM, 2003. p. 19-43.

BOMFIM, Manoel. **Lições de Pedagogia**: theoria e practica da educação. 3. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1926.

BOMFIM, Manoel. **Noções de Psychologia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1928.

BOMFIM, Manoel. **A América Latina**: males de origem. Rio de Janeiro: Topbooks, 1993.

BRASIL. **Constituição** (1891). Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao91.htm>. Acesso em: 15 out. 2019.

CARVALHO, Marta Maria Chagas. **A Escola e a República**. 1. ed. São Paulo: Atlas, 1989.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. A Caixa de Utensílios e o Tratado: modelos pedagógicos, manuais de pedagogia e práticas de leitura de professores. In: IV , 2006, Goiânia. **Anais do IV Congresso Brasileiro de História da Educação**. Goiânia, 2006. n./p. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe4/coordenada-eixo03-MMCC.htm>. Acesso em: 25 set. 2019.

CLAPARÈDE, Eduardo. **Psicologia da Criança e Pedagogia Experimental**. Trad. Aires da Mata Machado Filho e Turiano Pereira. São Paulo: Editora do Brasil S/A, 1956.

FREITAS, Marcos Cezar de; KULHMANN JR, Moysés (orgs.). Os intelectuais na história da infância. In: FREITAS, Marcos Cezar de. **Da ideia de estudar a criança no pensamento social brasileiro: a contraface de um paradigma**. São Paulo: Cortez, 2002, p. 345-372.

FREITAS, Marcos Cezar de; KULHMANN JR, Moysés (orgs.). Os intelectuais na história da infância. In: CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **Pedagogia da Escola Nova, produção da natureza infantil e controle doutrinário da escola**. São Paulo: Cortez, 2002, p. 373-408.

GONTIJO, Rebeca. **Manoel Bomfim**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Massangana, 2010.

NAGLE, Jorge. **Educação e sociedade na Primeira República**. São Paulo: EPU, Editora da Universidade de São Paulo, 1974.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 7. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2016.

PRIORI, Ângelo; CANDELORO, Vanessa Domingos de Moraes. A utopia de Manoel Bomfim. **Revista Espaço Acadêmico**. n. 96, 2009.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SEBER, Maria da Glória. O contexto histórico da Psicologia. In: SEBER, Maria da Glória. **Psicologia do pré-escolar: Uma visão construtivista**. São Paulo: Moderna, 1995, p. 8-17.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2016.

SILVA, Cláudia Virgínia Albuquerque Prazim da Silva; FAÇANHA, Sabrina Carla Mateus. Contribuição de Manoel Bomfim à Educação Brasileira. **Anais Eletrônicos**, 2012.

SILVA, Ligiane Aparecida da. **Um intelectual iconoclasta**: o papel do símbolo na obra e ação política de Manoel Bomfim (1897-1932). 198 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Maringá, PR, 2017.

SKIDMORE, Tomas E. **Preto no branco**: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

VALDEMARIN, Vera Teresa. Método intuitivo: os sentidos como janelas e portas que se abrem para o mundo interpretado. In: SOUZA, R. F.; VALDEMARIN, V. T.; ALMEIDA, J. S. **O legado educacional do século XIX**. Araraquara: Editora da UNESP, 1998, p. 63-105.